

**Gravação: eramos\_todos\_loucos\_2020\_01\_13\_upload**

**Duração: [00:49:59]**

<b>Legenda</b>	<b>Descrição</b>
(- comentário aqui)	Comentários do transcritor, exemplo (- risos)
[00:00:00]	Marcação do tempo onde inicia uma fala
(inint) [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Orador A	Hugo Carvana / Secundino Meireles
Orador B	Não identificado
Orador C	Heloisa Vilella
Orador D	Chico Buarque
Orador E	Paulo Cesar Oliveira
Orador F	Luiz Carlos Barreto
Orador G	Paulo Cesar Peréio
Orador H	Paulo Sergio Almeida
Orador I	Rodrigo Fonseca
Orador J	Não identificado
Orador K	Nelson Mota
Orador L	Roberto Maia
Orador M	Não identificado
Orador N	Não identificado
Orador O	Não identificado
Orador P	Paulo Bertazzi
Orador Q	Não identificado
Orador R	Não identificado
Orador S	Não identificado
Orador T	Não identificado
Orador U	Não identificado

Orador V	Não identificado
----------	------------------

**Início da Transcrição [00:00:16]**

Orador A: Esse personagem adorável, que é o Secundino Meireles... Rebelde, louco, moleque... E que, ao sair da cadeia, olha pro sol e fala: "Bom dia, professor."

Orador B: (inint) [00:00:30].

Orador A: Bom dia, professor.

Orador C: Eu lembro de levar o roteiro pra casa do Chico, pro Chico fazer a música, que eu amo essa música também.

Orador A: O Carvana, antes do Vai Trabalhar, Vagabundo era um produtor de cinema vagabundo. Tinha falido, produziu um filme que foi um fracasso e aí se meteu a fazer um outro, que foi o Vagabundo. Felizmente, não foi um fracasso.

Orador D: Vai trabalhar, vagabundo. Vai trabalhar, criatura. Deus permite a todo mundo uma loucura. Passo o domingo em família...

Orador E: E quando conheci Carvana, Carvana era um malandro carioca que falava gíria pra caramba e tinha futebol...

Orador F: Tudo que o Carvana faz, ele faz com prazer. Ele é ator com prazer. Ele é autor com prazer. Ele é diretor com prazer.

Orador G: Fazer o (inint) [00:01:56] com o Hugo sempre foi muito, muito bom. Uma festa. Hugo é o cara que deixa todo mundo... É... Que é engraçado, que tem senso de humor. Que enfim, que torna a filmagem um momento bem agradável.

Orador D: Vai trabalhar, vagabundo. Na quinta-feira de...

Orador H: Tem um magnetismo, né. Uma pessoa que que você olha e sente humor, sente... É... Verdade. Sente, né... Sinceridade.

Orador D: No banco de sangue pra mais um dia...

Orador G: Olha... Homenagem do Hugo ao Grey, que depois ficou mania de todo cineasta brasileiro.

Orador A: É o seguinte, meu chapa. Me dá meia-hora de cerveja. Podes crer.

Orador D: Vai renovar...

Orador G: Podes crer era coisa da época.

Orador D: Vai te (inint) [00:02:48] ...

Orador A: Vai trabalhar.

Orador G: Vagabundo.

Orador A: Vai trabalhar.

Orador G: Vagabundo.

Orador A: Trabalhava em filmes do cinema novo, que era papéis dramáticos, densos. Papéis sérios. Mas havia dentro de mim um personagem um Dino solto, alegre, divertido, que era um personagem que nasceu na chanchada brasileira. Eu passei muitos anos guardando ou trancando esse personagem, porque os filmes que eu fazia eram - como eu já disse - filmes culturalmente importantes. Sérios. Filmes de denúncia. Mas havia dentro de mim lá guardado um cinema brasileiro da chanchada onde eu comecei... Fiz mais de cinquenta filmes, como figurante de cinema. E com esses filmes eu aprendi a alegria, aprendi a molecagem. Eu aprendi a malemolência, a sacanagem.

Orador A: Vai trabalhar.

Orador G: Vagabundo.

Orador I: O Carvana, ele mais do que ser um ator, ele se coloca em um ponto que ele representa uma espécie de último lampejo da chanchada, indo pro cinema novo. É... Eu acho que o Carvana aprende a fazer humor no finzinho da chanchada, que a gente tá falando de finalzinho da década de cinquenta, início de sessenta e eu acho que ele se firma como um ator por excelência, um ator de cinema num filme chamado Os Fuzis do Ruy Guerra. Eu acho que

dos Fuzis em diante, o Carvana se consolida como uma espécie de rosto síntese do movimento.

Orador F: O Carvana é um ator fetiche do cinema novo, né. O Glauber, o Cacá, né. Todos diretores do cinema novo tinham uma grande preferência pelo Carvana, pelo poder de interpretação e o... Na interpretação dele sempre tem contribuição autoral, né... Sem chatear os diretores, porque o Carvana ele... Ele cultiva o prazer.

Orador D: Olha, eu conheci o Carvana de nome e cinema. E foi uma surpresa que eu não sei como ele encontrou meu telefone em São Paulo e eu morava em São Paulo, na época. E marcou um encontro comigo. E na época eu era contratado da TV Record. Me lembro bem desse encontro, em um bar ao lado da televisão, era um bar onde a gente se encontrava, todo mundo. Dorival Caymmi, o Vinícius frequentava esse bar... O Nelson Cavaquinho e aí era o point. Eu marquei com o Hugo lá. E aí ficamos nos conhecendo e ele me propôs que viesse ao Rio fazer um show. Eu fiquei muito surpreso porque eu é... Ainda era desconhecido. Eu tinha um contrato com a TV Record pra cantar Pedro Pedreiro. Não deixavam eu cantar mais nada. Então, eu não sei porque... O Hugo deve ter me visto cantar... Me viu cantar Pedro Pedreiro e teve a ideia de me convidar pra fazer um show no Rio. É claro que eu topei no ato, né. Vim pro Rio, que afinal é minha cidade, e ainda ganhar um trocadinho, viver aqui no Rio... Quer dizer, não imaginava que eu fosse ficar aqui e fiquei. Essa temporada foi uma loucura lá na Boate Arpege, ali no Leme. Era produção e direção do Carvana e do Antônio Carlos Fontoura, que na época era casado com a Odete Lara. O show era Odete Lara, MPB-4 e eu. E enfim, foi uma farrá. E ficamos muitos amigos. Eu não tinha muitos amigos no Rio, né, porque eu saí do Rio muito pequeno, me criei em São Paulo. Então, ficamos muito próximos e além do mais, éramos ambos tricolores. Então a gente ia muito ao Maracanã e ia aos bares todos e aquilo.

Orador E: Antes do Vagabundo, Carvana era da nossa turma de tricolores na casa de Ronaldo Bôscoli. Eu, Carvana, Ronaldo, Nelsinho. Quando a gente começou a conhecer... (inint) [00:07:24]. Em sessenta e oito.

Orador J: Íamos ao Maracanã toda a semana ver nosso Fluminense geralmente ganhar. Íamos... Hugo, que era muito amigo meu, o Chico, Nelsinho Mota, o Ronaldo Bôscoli, que na ocasião era meu cunhado.

Orador E: A fonte era Ronaldo Bôscoli. Ronaldo era o ponto central.

Orador D: Eu gostava de ir ao Maracanã, ficava ali em cima perto do bar. E ficávamos nós, o Carvana. Eu, o (inint) [00:07:55], uma porção de gente, tricolores mais entusiasmados. E teve uma época que que criaram um negócio chamado Jovem Flu. Acho que o Hugo fez parte disso também. Eu, de certa forma, fui membro da torcida do Jovem Flu. Mas isso... E jogávamos futebol de botão. Jogar futebol mesmo, o Hugo não jogava, não. Mas botão tinha torneios de futebol de botão lá em casa. Tinha uma mesa feita pra isso, pros nossos torneios e era uma turma muito, muito boa.

Orador K: Eu lembro que acho que esse filme começou a nascer... É... A gente frequentava muito uma coberturazinha do Ronaldo Bôscoli, ali na Visconde de Pirajá, num andar alto que dava até pra ver uns pedaços do mar. Em muitos sábados, a gente ia pra lá. Ou domingos passar a manhã com Ronaldo Bôscoli, com Miele, com fotógrafo Paulo Garcez, uma figuraça genial. O Paulo Cesar Oliviera. Esse era mais ou menos o núcleo fixo... A gente ficava bebendo cerveja, tomando sol e falando merda o dia inteiro ali. Rolando de rir com as barbaridades que o Ronaldo Bôscoli falava. E numa das molecagens que foi inventada ali, o Paulo Garcez inventou um personagem que chamava Rocha A ponto Lazão. Rocha A. Lazão.

Orador A: Muito prazer, senhora. Comendador Rocha A. Lazão.

Orador K: Quer seria um fazendeiro rico do interior que queria se lançar na sociedade carioca. E aí, começamos a passar notas sobre esse Rocha A. Lazão pra todas colunas sociais do Rio, que a gente conhecia. E como se ele existisse mesmo. Olha, em duas semanas já tinha gente falando pra gente que conheceu Rocha A. Lazão, que ele foi gentilíssimo, que o Rocha A. Lazão ia produzir o filme de não sei quem. Então, virou uma brincadeira, uma palhaçada total e a gente se divertiu. Era uma coisa de um espírito carioca da molecagem. É... gratuita ali. Só pra divertir.

Orador L: O Carvana é um carioca. Ele é um carioca perfeito. E traz muito bem a carioquise das origens dele. Bairros da Zona Norte e ele traz essa picardia, esse jogo de cintura dele todo, todo, todo. Eu suponho que seja das suas origens e do grande humor carioca, né.

Orador I: Eu acho que o Carvana consegue recuperar essa picardia dos pícaros, né. Essa malandragem. Mas usá-la como uma espécie de instrumento de discussão da falta de

liberdade que se vivia por conta da ditadura. Isso que eu acho, assim... O grande achado desse filme. É, de fazer uma peça de resistência rasgadamente cômica. E de celebrar sob, eu acho, que de uma elegância carioquíssima, o conceito do seja marginal, seja herói. Fundamentalmente, é o que o Secundino nos traz.

Orador A: Finge que não me conhece. Finge que não me conhece. Eu tinha um grande amigo: Armando Costa. Que era meu mestre. E depois que ele viu o filme Capitão Bandeira, que eu produzi. Ele me falou: "Carvana, esse personagem que você fez no filme é um belo personagem. Mas ele não tem importância no roteiro do filme do (inint) [00:12:06]. Vamos escrever um filme só pra ele." Aí, resolvemos dar vida, dar sangue a ele e escrevemos o Vai Trabalhar, Vagabundo. Vai trabalhar, hem, vagabundo.

Orador K: Como as pessoas não podiam se expressar politicamente, elas se expressavam existencialmente. E foi uma época de grande desbunde, que as pessoas caíram na droga. Sexo, drogas e rock and roll. E MPB, no caso, né. É um documento histórico nesse sentido, assim, de como fazer sobreviver a alegria o tempo que a gente tava vivendo ali, que era uma ditadura horrível, uma pressão pavorosa em volta. E... algumas pessoas achavam até... Se você não podia ter direito a se divertir nada num momento tão ruim que tinha tanta gente sofrendo. Pelo amor de Deus, aí ia piorar muito o que salvou foi justamente essas lufadas de alívio, de ar fresco, de alegria. Pra amenizar aquele dia a dia que a gente vivia nesse tempo.

Orador F: O tema do vagabundo do filme do Carvana, que é o tema do vagabundo brasileiro carioca. Ele ficcionou um universo com esse personagem, que só numa cidade como Rio de Janeiro tem, né. O vagabundo, malandro, que sobrevive, né. E que não causa não causa nenhuma pena.

Orador A: Tá aí, oh. Tá aí a sua cachaça, mendigo.

Orador G: Gemebundo é o cara que tá gemendo, né. Moribundo que é o cara que está morrendo. Vagabundo é o que está vagando.

Orador A: Os valores mais nobres de nossa gente estão se afundando. Mata a incompreensão e tem...

Orador M: Vai trabalhar, vagabundo.

Orador A: Ah, eu não. Eu não vou, não. Que eu não sou louco. Ou sou? Era um personagem alegórico. Um personagem solar. Que tinha amor pela vida. Não carregava nenhum sentimento de culpa. Claro que como ator, eu só queria fazer esse personagem. O que eu nunca cogitei, quando estava escrevendo era dirigir o filme. Quando eu terminei o roteiro, primeira coisa que o Armando me perguntou foi isso. "Quem você vai chamar pra dirigir?" Eu ia produzir. Nessa hora, nesse momento, eu senti uma dor no fundo da alma e falei. Eu pensei: "Puxa, eu vou dar isso pra alguém dirigir. O filme que nasceu de mim. Eu que inventei esse personagem. Eu escrevi a história. Por que eu vou dar pra alguém dirigir?" Naquele momento, eu realizei que o filme tinha que ser dirigido por mim. Embora, eu nunca tivesse dirigido nada. Eu nunca, sequer, tirei uma fotografia com Xereta.

Orador N: Alô, pizzaria Relâmpago.

Orador O: Ah, um minutinho que vou pegar o dinheirinho.

Orador A: Evidente que eu ia encontrar dificuldade pra montar um projeto como esse. Mas fui à luta. Procurei distribuidor. Procurei exibidor. Procurei outros produtores que quisessem se associar a mim. E foi sempre uma batalha. Ninguém queria, as pessoas duvidavam da minha capacidade. E às vezes eu tinha vontade de desistir. Até que eu lembrei de um amigo meu, Paulo Bertaze, que era um engenheiro e ao mesmo tempo, ele gostava muito de cinema.

Orador P: O filme era tudo muito feito por amigos, né. Os atores eram todos muito amigos do Hugo. E os que fundaram a Alter eram todos meus amigos. A Alter foi fundada no meu escritório, quando o Hugo chegou lá com essa ideia de fazer o filme. E juntamos sete ou oito amigos e fizemos a Alter ali, pra fazer esse filme exatamente. Que foi feito, aliás, com recursos próprios da Alter. Dos seus sócios.

Orador E: Uma vez Bertazzi me telefona e pergunta se eu não queria... O Carvana tinha um projeto de um filme, de não sei o quê, que eles acharam bom e tudo... Pra gente formar a Alter, que a Alter em latim, era outra profissão. Alter é outra. Aí tinham vários amigos em comum, Bertazzi, Beto Sardinha, (inint) [00:17:11] e me chamaram. Quer dizer, já tinham proposto... E me chamaram pra entrar. E eu concordei. Como era amigo de Carvana, de todo mundo. Gostei do projeto e entrei.

Orador P: Todo mundo adorava o Hugo, todo mundo era amigo. E todo mundo entrou na

aventura.

Orador E: Aventureiros... Queriam ser gestores... Empreendedores. Palavra da moda agora, né.

Orador A: Chamaram uma amiga que eles tinham e que eu não conhecia. Na época, a que tinha, e hoje é uma irmã e entregaram na mão dela a responsabilidade da produção do projeto. Eu não tava bom de administração, porque já tinha vindo de um fracasso e ao mesmo tempo eu era muito maluco. Eu era muito... Não convinha entregar na minha mão a responsabilidade de administrar um filme.

Orador C: Ele se achava louco de pedra, mas ele não era louco de pedra. Louco de pedra talvez fossem todos, nessa época. Foi uma época que a gente, né. Fazia todas as bobagens possíveis. Mas, eu não sei se eu era uma coisa paulistana, mais certinha. Que daí eu falava: "Não, mas por que que não faz assim, assado?" Acho que eu acalmava.

Orador E: O filme foi difícil de fazer. A gente tinha dinheiro, mas não era tanto dinheiro assim. E era tudo muito alegre, muito contente. Muito muito doido. Quer dizer, era simpático. (inint) [00:18:42]. Sempre sem grito, sem nada. Sem estressar. Sem estresse, sem nada.

Orador C: Como é uma produção de cinema, é realmente uma coisa que eu não sei como é que a gente fazia. Que eu me lembre, na época, existiam dois motoristas. E duas Kombis. Ponto. Hoje em dia, eu leio os letreiros dos filmes... E sei lá, tem quinze motoristas, não sei quantas... Era uma coisa pequena mesmo. Era uma coisa homemade, quase. Pode dizer assim, uma coisa caseira. E saiu esse filme que foi uma beleza.

Orador G: Olha a Odete Lara como tá bonita aí. Coisa linda ela.

Orador C: Ginaldo.

Orador G: Eu fico olhando a carinha dos figurantes e fico me lembrando das pessoas. Aquela pessoa ali. Porque às vezes são amigos e às vezes são figurantes profissionais. Figurantes profissionais. O Hugo chamou uma mulher que tinha uma agência de figurantes e disse: "Eu quero os piores figurantes que a senhora tem. Eu quero, assim... Normalmente, selecionam outros, mas dessa vez eu quero os que não são selecionados, em geral. Os piores, os feios



etc." E aí, a mulher indo embora, ele falou assim: "Ah, a senhora pode vir também?"

Orador A: Como é mesmo o nome da sua pessoa?

Orador Q: Shirlei Araújo.

Orador A: Falou, Shirlei Araújo.

Orador I: Um filme como Vai Trabalhar, Vagabundo ele nos permite entender o Rio de Janeiro do início dos anos setenta com uma clareza de registro de comportamento de comportamentos afetivos. A dança, o canto, o ato de beber cervejas. As coisas mais mundanas. A gente entende como eram os gestos da época. Como esses gestos estão acoplados a uma certa a um certo gestual cultural de resistência política, de resistência ética. Eu acho que esse filme tem um valor documental singular.

Orador K: O Rio de Janeiro, que o Carvana mostra no Vagabundo é bem diferente do Rio de Janeiro turístico, dos filmes cabeça, porque ele mostra um Rio de Janeiro popular. São bairros populares. Um Rio de Janeiro, nessa época, tirando a Ditadura, paradisíaco.

Orador A: Como é que, é.

Orador I: Eu acho que, essa ambientação do Rio, da época, ela tá também tá na música.

Orador A: Vai trabalhar...

Orador R: Vagabundo.

Orador A: Vai trabalhar...

Orador R: Vagabundo.

Orador I: Acho que se a gente fizer uma grande decupagem desse filme, a música ela tem quase um aspecto de coro, ela é quase um corifeu comentando as ações desse mundo. Mais do que fazer parte, o Secundino, ele encarna, ele traduz esse mundo.

Orador D: Eu vinha de um outro trabalho com o Hugo, que foi o Quando Que Ela Vai Chegar? do Cacá. Nós trabalhamos um pouco... (inint) [00:22:03] nos roteiros. E o Hugo tava lá o tempo todo. Meu parceiro de cena. E... Pra esse filme do Cacá eu compus algumas

músicas e isso criou pra ele... Deu a ideia de que eu seria capaz de fazer músicas pro filme dele também. Ele me convidou pra fazer as músicas do Vai Trabalhar, Vagabundo em cima... Agora não tenho mais certeza se... Sem dúvida, eu li o roteiro antes de fazer as músicas. E talvez até tenha visto o copião antes de fazer as músicas. Era muito comum acontecer isso, na época, viu. Vários filmes para os quais eu escrevi músicas foram a partir de imagens do copião. Mas aí eu não posso jurar que no caso do Vai Trabalhar, Vagabundo, eu tenha feito em cima do roteiro. É possível. É aquele negócio, eu não sei se eu copiei se eu plagiei o Hugo... Peguei o Vai Trabalhar, Vagabundo e fiz disso uma música ou se eu compus a música e o e o Carvana usou esse bordão no, na atuação dele, que ele repetia isso no filme o tempo todo. "Vai trabalhar, vagabundo..." Isso aparecia nos diálogos do filme. Claro, era o título do filme que já existia. A ideia era dele, claro. Então fiz um samba em cima do vai trabalhar, vagabundo. E fiz a outra que é aquela seis por oito. É... Flor da idade. Aí... Flor da idade, que eu fico achando que eu fiz em cima das imagens. A gente faz hora, faz fila na vila do meio dia. Pra ver Maria. A gente almoça e só se coça e se roça e só se...

Orador H: Essa cena da música do Chico no filme do Carvana Vai Trabalhar, Vagabundo, é um espetáculo.

Orador D: Sem gelosia. Nem desconfia. Ai, a primeira festa...

Orador H: A música comentando uma cena, ela entra suavemente. Comenta, você se emociona. Acaba a música, o filme volta de novo a fazer a graça, a fazer humor que o filme se propõe.

Orador D: A mesa posta de peixe, deixa um cheirinho da sua filha.

Orador F: É uma integração entre a música, entre o que você tá ouvindo e o que você tá vendo. Que é era uma coisa assim de diretor... Já fazendo seu quarto quinto filme. Não era uma edição de música e imagem de um estreante.

Orador S: O Dino chegou, pessoal.

Orador I: Cada música... Da própria música do Vai Trabalhar, Vagabundo até a música final ela nos faz grandes comentários sobre as estratégias de sobrevivência possíveis dentro de um esforço de fazer uma conciliação entre morro e asfalto.

Orador D: E continua. Ai, a primeira dama, o primeiro drama, o primeiro amor. O Hugo tava inquieto, porque acho que o filme já tava pronto e faltava entregar... Não só fazer as músicas, como gravar, né. Tudo que envolve arranjos e tal. Botar voz. E finalmente consegui entregar a tempo, não atrasei o filme, não. E eu me lembro muito dessa noite. Eu gravei, quer dizer, eu quis entregar o pacote pronto já pro Hugo e gravei e na época, é eu tinha um gravador de rolo, que era um trambolho. Uma coisa desse tamanho e mais duas caixas e tal. E marquei com o Hugo. "Hugo, vamos ver. Vou te mostrar a música, mas vou te mostrar no nosso botequim. Era o Final do Leblon que chamava o restaurante ali na no fim da Dias Ferreira. No Leblon. E aí eu levei pro restaurante o gravador com a com a fita de rolo, né. Não era cassete, não. Aquelas fitonas, assim. E as caixas instalei no restaurante e mandei ver. Ele conheceu assim, né. Nas caixas do gravador de rolo. Dos alto-falantes do botequim. E mandei... Ficamos repetindo a música um tempão e bebendo... Os clientes que tavam lá eram obrigados a ouvir... E gostar das músicas. Muito bom.

Orador A: Por que que cê tá tão afobada? O que que houve?

Orador T: Tá falando comigo?

Orador A: Ah, minha senhora. Meus respeitos. Eu não queria lhe magoar. Longe de mim. Mais um brasileirinho? Mais um brasileirinho. Estamos precisados.

Orador T: Mais um brasileirinho, assim bonitinho, com duas bochechinhas assim igual você.

Orador A: Linda.

Orador K: Essa música do Chico é incrível. É uma das grandes músicas dele. E se você olhar bem na obra do Chico. É... A maioria absoluta das músicas dele mesmo quando são letras alegres, festivas... As músicas são meio melancólicas. Às vezes até um samba, swingado... Mas, tem uma melancolia ali. A tristeza... Essa é radicalmente alegre de música, letra, intenção e finalização e tudo. O Vai Trabalhar, Vagabundo, porque ela é dançante. É swingada, é divertida e a letra é positiva, é pra cima, é exaltação da vagabundagem.

Orador D: Não podia ser diferente, né. Pro Hugo tinha que ser tudo, assim... Ali não havia... Não havia tristeza, não. Não tinha tempo ruim ali, não.

Orador A: Russo...

Orador G: Que isso, rapaz...

Orador A: Olha aqui, rapaz. Toma um golezinho, só.

Orador G: Tô curado, rapaz. Tô curado.

Orador A: Que curado, nada. Toma um golezinho. Olha aqui, de Pernambuco. É da boa essa. Essa é da pesada, hem. Pereo tinha que tá num filme meu. Porque além de ser um grande ator, era um amigão meu. A gente vivia junto nos bares, nos botecos. Tomando cachaça. Rindo, se divertindo.

Orador G: Vem do Norte.

Orador A: Podes crer.

Orador G: O Russo, por razões óbvias, era eu, né. Porque eu sou Russo, eu era Russo.

Orador E: O Carvana foi procurar o Pereo pra convidar pro filme. Quando eu vi onde o Pereo morava, eu falei: "Como é que esse cara vai trabalhar?" Pereo era torto e Pereo era daquele jeito dele. Pereo era na vida e no personagem igual Pereo no personagem dele. Igualzinho que eu conheci quando Carvana foi chamar pra fazer o filme. Era doidão.

Orador G: Entre eu e Hugo sempre houve uma atmosfera muito boa na nossa relação. Sempre foi muito lúdica. Ele é muito bem-humorado na filmagem. Ele gosta de filmar. Ele fica feliz quando tá filmando.

Orador H: Carvana também ele tinha uma patota. Tinha uma patota no bar, tinha uma patota em todos os lugares. Que é o Pereo, que é Odete Lara e também se juntou num grupo de pessoas se divertindo e fazendo o filme.

Orador R: Ah, vida miserável. Pra ganhar duzentos contos, tem que trabalhar feito um cão. Eu, Babalú. O Babalú que já deu duzentos contos de gruja. De gruja.

Orador A: Além do Peréio, tinha o Nelson Xavier que era e é um grande ator, com quem eu tinha trabalhado no teatro de arena de São Paulo. Um ator elegante, um ator fino. E que só

enriqueceu o meu Babalú. O jogo de sinuca, do final, que se realiza é ele e o Peréio são dois monstros sagrados do cinema brasileiro. Tive muita sorte em ter um belíssimo elenco. E é assim quando se tem amigos de fé, gente que embarca numa aventura contigo e que ao mesmo tempo são atores talentosos. Você acaba formando um elenco de primeira, um elenco de grande qualidade. Dei sorte, porque tive Peréio, tive Xavier, tive Lutero Luiz, tanta gente boa. Tantos companheiros que filmaram comigo também pelo prazer de filmar comigo.

Orador I: A amizade ela é um tema do cinema brasileiro há muito tempo. Acho que, fundamentalmente, pra ficar na geração do Carvana, chamaríamos a atenção... Valeria chamar a atenção de dois diretores: o brilhante e esquecido Davi Neves e o poeta Domingos Oliveira, que falaram dessas relações de amizade e enfim com muita poesia. Eu acho que o Carvana encontrou uma forma de fazer esta poesia de um jeito pé no chão. De um jeito sandália havaiana. O Vai Trabalhar ele abre base pra consolidar, acho que essa busca no tempo e na forma fílmica que o Carvana vai fazendo de discutir o papel da palavra amigo dentro do cinema.

Orador K: O vagabundo também teve essa principal virtude de fazer renascer a comédia carioca. O Rio de Janeiro é conhecido pelo humor. E isso com todos os defeitos... Os defeitos e qualidades do Rio de Janeiro vão mudando com o tempo, ali... Mas o humor permanece. É uma característica do carioca.

Orador A: É o seguinte: cobra que não anda, não engole sapo. Enquanto houver otário por aí, o dinheiro tá bem servido.

Orador D: A figura do vagabundo, do malandro, a figura do Carvana, enfim, que ele construiu no filme Vai Trabalhar, Vagabundo era claramente subversiva. Era claramente contrária a tudo que o regime militar pregava.

Orador A: (inint) [00:32:53]. Aconteceu o seguinte: na hora que eu cheguei no guichê, me passa uma mulata que eu vou te contar. Esse tempo inteiro em cana, aí eu não aguentei. Parti feroz. Agora, agora... Tainha, tua grana tá aqui.

Orador D: Era contrária à disciplina, à moral, aos bons costumes, à família. Todos esses valores que eles pregavam, né. Valores patrióticos etc. e tal. O malandro, vagabundo, vai na contramão. Na contracorrente do que é... Do autoritarismo da ditadura e tal. E de uma forma

malandra, claro. Uma forma oblíqua, assim. Não era... Protesto. Cansou de protesto. Era tudo com leveza. Com ginga. Com certo swing. Bastante. E era uma forma, então, difícil de se censurar de porque... "Não tô fazendo nada, tô rindo..." E o deboche é subversivo num sistema desses.

Orador F: O vagabundo é um cara que tem uma visão crítica da sociedade. E que muitas vezes, a sua vagabundagem é um protesto contra um tipo de sociedade, contra um tipo de organização de trabalho que existe, né. Vamos dizer um libertário. Vagabundo é um libertário. Como o Hugo é. O Hugo é um espírito libertário.

Orador A: Alô. É da Pizzaria Relâmpago?

Orador D: Não era certamente bem visto pelo governo a figura do malandro e o próprio Hugo Carvana.

Orador A: Oh, Lu... Como é que cê tá passando aquele velho senhor que te ajuda?

Orador O: Aliás, se ele entrasse aqui e te visse... Oh. Te capava.

Orador A: O quê? Me capar? Secundino Meireles capado? Qual é, Lu. Não, não. Obrigado, Lu. Tchau. Te vejo depois.

Orador O: Vem cá...

Orador E: (inint) [00:34:49]. Quando me levaram pra Brasília, o Carvana... Alguém falou: "Não, a gente tem que levar... Tem que fazer muitas cenas de nú... Porque eles esquecem alguma coisa e aí... Tudo era censurado. Vamos botar muita cena de nú, que ele corta metade e aí ficam algumas só e pronto. A mulher lá do censor lá não gosta. Tinha mulher do censor que ia ver e a mulher do Capitão lá que censurava. "Pô, essa mulher... Tá com muita gente nua, que não sei o quê. Não pode. Corta."

Orador D: A censura... Eram várias censuras. Então, às vezes a música era aprovado pro disco. Tinha a PolyGram, a gravadora que tinha certo poder e ia lá e conseguiam aprovação. Depois, aí vai passar um filme onde essa música tá incluída. A aprovação da música pro disco é uma, pro filme é outra. Então, eles podiam proibir a música do filme. Existia isso. Muito muito, muito. Existiam os shows também. Cê tinha que fazer um show, que tinha show à

noite, de tarde a gente tinha que fazer show pros sensores locais. Fazer um show em Campinas, à tarde tinha que fazer um show pros censores. Os dois censores lá olhando lá. E eles podiam proibir coisas que estavam liberadas no meu disco, dependendo da cabeça deles, né. Era meio, não existia um critério muito, muito rígido. É possível que música tenha sido, num primeiro momento, pelo menos vetada. Vetada pra divulgação do filme. Coisas assim aconteciam sem parar.

Orador E: Essa música do Chico achei legal, mas ao mesmo tempo foi um grande problema pra nós. Foi censurada as duas músicas. Flor da Idade e Vagabundo. O censor censurou porque o Chico falava: "Perde dois contos no conto da loteria." e Flor da Idade foi no mesmo sentido, porque o Chico baseado num poema do Drummond, porque a (inint) [00:36:48] visitar os pais no cortiço. E o Chico pegou um poema do Drummond e Chico quebrava (inint) [00:36:54] quebrava toda a família. O censor achava que aquilo era uma suruba. Aí, foi cortado a música pra exibição da música, do disco, pra rádio, pra tudo e a gente perdeu dinheiro que a Phonogram ia botar grana na no filme. Ou então, divulgar mais o filme. E a música foi proibida. Execução... (inint) [00:37:15] tocava muito na época e tudo. Chico Buarque tava no tava no auge, né.

Orador D: Flor da Idade eu lembro bem da história do daquele final que tem a coisa, aquela citação do Drummond. Fulano que fulano que amava isso, amava aquilo. E que amava a filha. Havia, segundo eles, uma insinuação de incesto. Uma coisa assim, por aí. Defesa da família, dos bons costumes e tal. E eu dizia que não, que amava-se, não é um ato sexual, mas é amar é gostar, é querer bem. Não necessariamente amar é fazer amor. Mas (inint) [00:37:50]. Enfim. Essa coisa, às vezes conseguir... Não me lembro bem se houve alguma coisa que foi alterado, aí acontecia isso às vezes o advogado ia à Brasília e numa segunda instância conseguia que liberassem a letra. Muitas vezes ele conseguia que liberasse a letra mediante modificação. Tinha alguns versos que tinham que ser alterados, tinham que ser substituídos. Isso fiz muito. Consertar músicas pra atender a o pedido dessa censura.

Orador E: Só veio a tocar Vagabundo com (inint) [00:38:44]. Teatro Casagrande, show que o Chico fez. E essa obra não tinha nada. Foi a crônica do Rio de Janeiro. Tinha acabado de cair um (inint) [00:38:54] da Varig lá em Paris, morreu (inint) [00:38:57]. Tinha caído do viaduto aqui da (inint) [00:39:03] tinha caído também. Quando o Chico fala: "Cuidado com o viaduto.

Cuidado com o avião." E perde dois contos no conto da loteria. Aí que o cara cortou.

Orador D: A verdade é que tem coisas, assim, dentro da letra de samba, que passado o tempo, você diz: "Por que que caiu 'cuidado com o viaduto'?" Mas, na época, era uma coisa... Por causa do viaduto que caiu aqui na Paulo de Frontin. Avião que caiu não sei onde e tal. E, na época, isso tudo... Não é que não saía no jornal, saía, as notícias saíam, mas haviam interpretações... Que o problema não era bem esse, que havia alguma coisa por trás etc. e tal. Enfim, era um assunto meio mal, mal... Não era um assunto proibido, mas quase. Então, então aí entrava isso na letra. Entrava na ordem do dia. Entra na letra. Cuidado com o viaduto, cuidado com o avião. Três anos depois, ninguém mais sabe que viaduto é esse, nem que avião. Mas, era isso, que nem música de carnaval. (inint) [00:40:01]. E crônica mesmo do que tá acontecendo naquele momento.

Orador A: Senti muita falta da turma da sinuca, sabe.

Orador U: Sinuca vai mal, rapaz. Anda às moscas. Turma boa desapareceu. Sumiu Carne Frita. O Lincoln.

Orador A: Nesse momento, eu percebi, que eu estava fazendo um filme sobre a mudança de uma cidade. Sobre a mudança do homem. Depois do Vai Trabalhar, Vagabundo o homem mudou no andar, na maneira de falar.

Orador U: Tudo isso aqui vai abaixo. Pereira Nunes, Vinte e Oito de Setembro, Teodoro da Silva. Tudo no chão.

Orador A: Tá brincando, Seu Mané?

Orador U: Não. Conforme lhes digo. Vai passar aqui uma perimetral, não sei quê. Radial. Viaduto. Carro pra tudo quanto é lado.

Orador A: Tudo que o Dino queria e fazia era procurar a via transversa. Procurar a via curva e não uma linha reta. Nesse sentido, o vagabundo tem dentro dele também alguma denúncia, alguma característica de contestação daquilo que a gente vivia na época. Mas, não era o principal. O principal era viver. Viver bem. Viver alegremente. Viver sacanamente.

Orador V: Russo tá solto. Tá legal. Mas Babalú vai se livrar da Dona Vitória como? Ela é



ouriçada com esse negócio de sinuca.

Orador X: Tá me respingado, pô. Tá me respingando.

Orador F: Não só não era preso à esquemas econômicos, como também não era preso a nenhuma concepção estântica, né. Nem temática, né. Era uma coisa, uma novidade mesmo. Era um filme novidade.

Orador A: A gente não tinha recursos pra bancar um grande lançamento. A gente contava muito é com a ajuda de jornalistas amigos, colunistas que davam notinha. Propaganda boca a boca que a gente fazia.

Orador H: O Vai Trabalhar, Vagabundo nos dava uma oportunidade você trabalhar aquilo que os americanos chamam de tagline. Que o título do filme já era o tagline. Vai Trabalhar, Vagabundo. Uma comédia. Uma comédia carioca. Uma comédia carioca de Hugo Carvana. O Carvana inspiradíssimo. Tudo isso nos levava a tentar alguma coisa original. A gente sabia da força que o filme tinha e a gente queria comunicar tudo isso antes. Que é a função da publicidade, né. E aí a gente pensou: "Então a ideia é a seguinte: vamos botar essa frase na praia?" É só dar sorte de no fim de semana de lançamento ter um sol, né. Teve. Rio de Janeiro. Aquela coisa. Então passamos com o aviãozinho e fomos, inclusive, fotografando, o aviãozinho com a faixa escrita: "Vai Trabalhar, Vagabundo." Quer dizer. Não dizia nada. Que era filme, que ia estrear tal data... Nada disso. Só isso. Foi uma comoção na praia. Foi uma gargalhada e a gente viu que a comunicação tava estabelecida. Quer dizer... A gente... Seria hoje, o que as pessoas chamam de marketing viral.

Orador A: Eu me lembro que eu ia pra porta do cinema pra ficar olhando aquela caixinha onde o bilheteiro enfiava os bilhetes e ficava torcendo pra chegar um dia onde eu olhasse aquela caixinha e ela estaria lotada de ingressos. Não. Era tudo uma aventura amadorística, e que dava certo às vezes.

Orador D:Passa o domingo sozinho. Segunda-feira a desgraça. Sem pai nem mãe, nem vizinho. Em plena praça. Vai terminar moribundo...

Orador A: A resposta das pessoas depois de ver o filme era uma loucura. As pessoas ficavam... Me abraçavam com muita força e eu me ouvia no rosto das pessoas, além do amor

pelo filme, a admiração pelo meu trabalho. Isso me deu uma autoestima muito grande, muito, muito forte. E eu só posso agradecer ao vagabundo que foi a semente de uma carreira que eu tenho certeza que não dei vexame. Construí um capítulo pequeno, mas um capítulo do cinema brasileiro. Culpa de quem? Culpa do velho vagabundo. Onde tudo começou.

Orador E: O filme foi um sucesso. Pelo menos, o pessoal que não curtia muito o cinema brasileiro, que não ia nem nada. Aquela época era época de cinema novo, que as pessoas não gostavam, aquela geração Paissandu, cinema novo (inint) [00:44:58] e o Carvana rompeu com isso. Ele rompeu com esse negócio, porque ele foi fazer uma comédia, que naquela época era terrível, ninguém fazia comédia, nem nada.

Orador J: O filme foi de grande importância e foi muito sucesso. Inclusive, deu dinheiro. Filme deu prazer a nós todos. Depois, a Alter foi perdendo sócio aqui, acolá e quando chegou no tempo do Collor, que acabou a Embrafilme, aí ela parou de atividade. Fizemos vários e vários filmes.

Orador K: Se dez amigos se juntarem pra fazer um filme... Essa história de dez amigos que se juntam pra fazer um filme dá uma comédia hoje no cinema, né. Porque é totalmente inviável, né. E coitados. Não vão recuperar nunca esse dinheiro, esses amigos, do jeito que as coisas são... Com os custos, com as salas de exibição, com todo esse mercado do cinema, que é ultra complexo.

Orador F: O Carvana não era um produtor. O Carvana era um ator. E que queria fazer seu filme. Seu primeiro filme. Não teve que passar por banca de exame, nem fazer pitch pra ninguém, entendeu... Ele, deu a ideia, desenvolveu a ideia, os amigos gostaram e com os recursos necessários praticamente pra transporte e alimentação, né. Fizeram um filme, né. Não tiveram que nenhuma... Preencher formalidades, né. E cadastros. E prestação de contas absurdas. Não, não é nada disso. Então, é o cinema em liberdade. Esse é o exemplo maior de um cinema em liberdade.

Orador I: Não sei qual foi as circunstâncias de dificuldade orçamentárias... Acredito que tenha sido muitas que o Carvana teve pra fazer. Mas ele não... Ele é um filme que retrata a pobreza sem pobreza. Ele é um filme que você sente um extremo cuidado de direção de arte, um extremo cuidado de cenografia. Eu acho que é isso que precisa ser estudado pras novas

gerações, até por quem já tá aí, tá precisando se oxigenar, pra repetir esse mesmo esforço. É... Fazer com pouco não é fazer mal.

Orador A: Eu e o cinema nós temos uma relação muito afetuosa. Eu já sofri demais pelo cinema, com o cinema. Já fui à falência duas vezes como produtor de cinema. E todos esses anos, são quase sessenta anos, eu não sei que mistério, que magia, me fez... O cinema me fez... Ele entrou na minha vida sem eu, sem eu convidar ele pra entrar. Tomou meu coração, tomou minha alma. É... Só me proporcionou essas coisas. Esses momentos bons, mesmo os ruins eu consegui superar e nunca desisti do cinema. E sempre digo pra um jovem ator ou pra alguém que entra no cinema: "Não desista. Acredite." O cinema na minha vida é uma paixão.

Orador D: Carlos amava Dora, que amava Pedro, que amava Beto, que amava Juca, que amava Leia, que ama Lia, que amava... Carlos amava Dora, que amava Rita, que amava Dito, que amava Rita, que amava Dito, que amava Rita, que amava... Carlos amava Dora, que amava Pedro, que amava a filha, que amava Carlos, que amava Dora, que amava toda a quadrilha.

**Fim da Transcrição [00:49:59]**